

KATIA CANTON

CONTOS DE FADAS

MODOS DE SER E DE USAR:
EDUCAÇÃO, ARTE, PSICANÁLISE



Texto © Katia Canton

Direção editorial

Marcelo Duarte

Patth Pachas

Tatiana Fulas

Gerente editorial

Vanessa Sayuri Sawada

Assistentes editoriais

Henrique Torres

Lais Cerullo

Assistente de arte

Samantha Culceag

Capa

Vanessa Sayuri Sawada

Pesquisa iconográfica

Angelita Cardoso

Samantha Culceag

Diagramação

Elis Nunes

Preparação

Ronald Polito

Revisão

Beatriz de Freitas Moreira

Clarisse Lyra

Imagem de capa

© *Gustave Doré/Perrault,*

Charles. Les Contes

de Perrault. Paris: J.

Hetzel, 1862/Wikimedia

Commons; © Gustave

Doré/Gwengoat/iStock.

Impressão

Loyola

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C234c

Canton, Katia

Contos de fadas – modos de ser e de usar: educação, arte,
psicanálise / Katia Canton. – 1. ed. – São Paulo: Panda
Educação, 2025.

ISBN 978-65-88457-22-1

1. Contos de fadas na literatura. 2. Contos de fadas –
História e crítica. 3. Ficção infantojuvenil. 4. Psicanálise e
contos de fadas. I. Título.

24-94030

CDD: 398.2

CDU: 398.21:82.09

Gabriela Faray Ferreira Lopes – Bibliotecária – CRB-7/6643



2025

Todos os direitos reservados à Panda Educação.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

5 Apresentação

9 Para começar, as perguntas fundamentais: Por que ainda lemos contos de fadas? E por que apresentá-los às crianças?

14 Por que precisamos de histórias?

19 Como estudar e pensar os contos de fadas?

31 A origem: Onde tudo começou? Ou o que seria um “conto original”?

35 Marie de France, a pioneira

39 Madame D'Aulnoy e a invenção das fadas

42 Charles Perrault e suas moralidades

47 Irmãos Grimm e a legitimidade do povo alemão

51 Dorothea Viehmann, Dortchen Wild e as mulheres dos contos alemães

58 O mundo sensível e diminuto de Andersen

62 Quem conta um conto... faz arte?

67 A invenção da infância e os contos na contemporaneidade

72 A apropriação dos contos pelo cinema de animação

77 Ainda faz sentido continuar a contar? Os prós e contras dos contos de fadas

78 A repetição

80 Os estereótipos

81 Medo do lobo, medo das bruxas

83 Enredos tristes e violentos

86 O “conhecido não pensado” das histórias

89 A semelhança com as fases da vida

92 O papel da mulher

96 A esperança

98 Justiça social

99 A produção de identificações

- 100 O princípio de realidade e o princípio do prazer
- 101 Gerenciamento das emoções e exercícios de resiliência
- 104 Um possível contra: a idealização da beleza e do amor
- 106 Um antídoto: a versatilidade dos contos

109 Caixa de ferramentas: Como trabalhar com contos de fadas em sala de aula? Como pensar as possibilidades terapêuticas dos contos?

- 110 Contos de fadas como obras de arte
- 111 Projetos interdisciplinares
- 111 A força das palavras
- 112 O leque aberto das várias versões
- 112 A articulação ampla de emoções e sentimentos
- 113 O valor terapêutico dos contos
- 117 Ideias de atividades

**125 Considerações não tão finais:
Um fio que nunca para de passar...**

128 Referências

131 Bibliografia sugerida

APRESENTAÇÃO

Este livro foi pensado para todos aqueles que amam histórias e acreditam na potência das narrativas mágicas. Particularmente educadores, artistas e psicanalistas, criadores de mundos que, percorrendo a estrada do saber compartilhado, expandem a vida daqueles que estão à sua volta, fazendo reverberar lições diárias sobre o viver e o encantar.

As narrativas dos contos de magia e dos contos de fadas são de fato potentes ferramentas formativas. Constroem formas alargadas de legitimar nossas vidas e heranças humanas; portanto, são imprescindíveis para todos nós.

Convido você a viajar comigo pelas páginas deste livro, pensando junto as origens e implicações da necessidade humana de criar narrativas, utilizando para isso uma metodologia interdisciplinar que reúne estudos das áreas de sociologia, história, educação, arte e psicanálise. Assim, a proposta é questionar o sentido da transmissão dessas histórias que fazem parte de nossa humanidade, dos primórdios até os dias de hoje.

Os contos de fadas compõem a cartografia da minha vida desde que eu era muito pequena. Narram a trajetória de uma menina muito tímida e sonhadora que passava as tardes ouvindo histórias de uma tia-avó. Seguem comigo nas várias linguagens da arte, nas produções e oficinas de arte-educação, tornam-se tema de toda a minha carreira

acadêmica, do mestrado ao pós-doutorado, e chegam hoje à minha clínica, à minha atuação como psicanalista.

Para juntar essas experiências no livro, reuni pesquisas importantes de vários autores, que são citados ao lado da minha própria investigação acadêmica sobre o assunto. Ela se inicia no mestrado, que começa em 1987, no departamento de Performance Studies, Tisch School of the Arts, da New York University; passa pelo PhD em Artes Interdisciplinares na Steinhardt, na mesma universidade, concluído em 1993; e se estende em um pós-doutorado em 2014. Ainda hoje esse estudo cresce todos os dias, fermentado em teorias da filosofia, da arte-educação e da arte-terapia, e, mais recentemente, inclui um mergulho no estudo e na prática da psicanálise, onde essas histórias se tornam um modo privilegiado de pensar e viver a linguagem. Para mim, os contos maravilhosos são um verdadeiro projeto de vida, que se alarga num fio muito comprido e maleável que não para de passar e de se emaranhar em muitos aspectos da vida humana. Nessa trajetória, durante todo o processo das minhas pesquisas, sempre tive a companhia de autores fundamentais, como Jack Zipes, Maria Tatar, Donald Haase, Ruth B. Bottigheimer, Marina Warner, Alan Dundes, Angela Carter, Bruno Bettelheim, Marie-Louise von Franz, Joseph Campbell, Vladimir Propp, Marina Colasanti, Nelly Novaes Coelho, Diana e Mário Corso, Luís da Câmara Cascudo. Também busquei costurar relações entre contos de fadas e psicanálise utilizando conceitos de Sigmund Freud, Carl Jung, Jacques Lacan, Donald Winnicott e Christopher Bollas, além de escritos de criadores, poetas e artistas que deram e têm dado ao conto de fadas uma vida própria, singular e potente.

Então, o que você vai encontrar dentro do livro? Cada capítulo enfoca um aspecto que permite expandir conceitos, ideias e ações práticas em relação aos contos de fadas. No primeiro capítulo, falo sobre a necessidade humana de histórias. No segundo, apresento os vários aspectos de análises ou as várias possibilidades metodológicas que envolvem o estudo dos contos de fadas. Em seguida, convido você a “viajar” na história e nas origens dos contos, e, então, adentrar as possibilidades de uso deles na educação, na arte, na vida.

Nos capítulos finais, analiso os prós e contras dessas narrativas e parto para a prática, pensando numa caixa de ferramentas para experiências com contos de fadas na sala de aula. Finalmente, fecho o livro de um modo a deixar páginas entreabertas... Há sempre o que refazer e reinventar na produção dessas histórias mágicas!

Que esse fio também te enlace e te abrace nas aventuras de narrar!



PARA COMEÇAR, AS PERGUNTAS FUNDAMENTAIS

Por que ainda lemos contos de fadas?
E por que apresentá-los às crianças?

*Um dia você terá idade suficiente para começar
a ler contos de fadas novamente.*

C. S. Lewis

Ainda ouvimos e lemos contos de fadas e sempre o faremos enquanto formos parte do que chamamos humanidade! E por quê? Enumerei aqui três motivos muito relevantes:

1. Contos de fadas fazem parte de uma importante herança humana, construída pouco a pouco desde os primórdios, com o intuito de adequar nossos desejos e necessidades à realidade em que vivemos.

Antes mesmo de terem esse nome, nasceram em sua forma oral, já na Era Neolítica, assim que os *Homo sapiens* passaram a aprender formas de se comunicar de forma verbal. As narrativas contadas e propagadas, geralmente em tribos e grupos coletivos, nas pausas das caminhadas em busca de comida, de abrigo e de climas mais amenos, nos momentos de descanso em volta das fogueiras ou nas cavernas, retiravam matéria-prima da realidade dura e quase sempre perigosa em que se vivia e eram envolvidas em formas de encantamento que compensavam as durezas da realidade concreta.

Imagine como o destino de duas crianças largadas na floresta pelos pais, que não tinham como alimentá-las – o que era algo comum, sobretudo até a Idade Média –, deu

corpo ao clássico conto “João e Maria”, com a aparição de uma casa de doces e a vitória sobre uma bruxa má que escondia um grande tesouro. Esse é o processo de compensação que deu a ignição para a formação de muitos contos de magia (depois chamados contos de fadas, a partir do momento em que se tornaram literatura).

Veremos com mais detalhes essa história dos contos, que faz deles uma longa, ininterrupta e primordial herança humana, que se transforma e, ao mesmo tempo, permanece entranhada em nossas mentes e corações.

2. Contos de fadas contêm estruturas simbólicas importantes que são “caixas de ferramentas” para a compreensão dos comportamentos que moldam e sempre moldaram a civilização e os seres humanos através dos tempos.

Podemos pensar que existem dois caminhos para analisar os contos. Por um lado, há a espinha dorsal, ou o esqueleto, que é a parte consistente e que caracteriza o tipo ou o motivo a que pertence um determinado conto, e é como um caroço de fruta. Veremos como essa estrutura universal ganhou estudos sistemáticos por parte de antropólogos, sociólogos e folcloristas, recebendo classificações – como o ATU (sigla derivada da inicial dos autores Aarne, Thompson e Uther) ou o alfabeto estruturalista do pesquisador russo Vladimir Propp, no início do século XX (veja mais nas páginas 24-27).

A espinha dorsal, ou o motivo do conto, trabalha com valores arquetípicos, com desejos e dificuldades humanas que são intrínsecos a todos nós, independentemente da época, do lugar, do gênero, da classe social ou econômica.

E essa estrutura é justamente o que a psicanálise e a psicologia analítica utilizam para interpretar as histórias.

Por outro lado, há diferentes formas de contar uma mesma história, em diferentes versões, que se modificaram ao longo do tempo e do espaço, espelhando o fato de a civilização humana estar sempre em movimento e refletindo valores singulares que regem uma determinada cultura.

Essas variantes distinguem valores morais, éticos, estéticos, culturais, econômicos e políticos que carimbam aquela forma de contar e escrever a história. Estudiosos como Jack Zipes, Alan Dundes, Ruth Bottigheimer e Marina Warner, que apresentarei mais à frente, escreveram muito sobre como diversas formas de contar um mesmo conto de fadas dão corpo a códigos de comportamento específicos.

Temos aqui dois modos muito importantes de pensar e ensinar a partir dos contos de fadas.

3. Contos de fadas são narrativas fundamentais para refletir sobre o processo de amadurecimento de todo ser humano.

Esse processo refere-se ao que o estudioso norte-americano Joseph Campbell chamou de “a jornada do herói” (ou da heroína). Trata-se de considerar a trajetória da vida humana como uma travessia, na qual é preciso transpor obstáculos, vencer dificuldades, identificar perigos, aprender a receber ajuda, a se cuidar e, finalmente, a deixar um legado.

Ainda que todos achessem essa jornada, identificamos o uso dos contos de fadas na infância por conta de

suas potencialidades de espelhar símbolos claros de conduta e oferecer exemplos recheados de fantasia, nos quais as crianças podem se ver refletidas.

É importante lembrar que os contos de fadas não foram inicialmente narrativas pensadas para crianças. Surgiram muito antes da invenção da infância, como veremos adiante. No entanto, foram adaptados de forma rápida à educação infantil, pois atendem justamente às possibilidades de serem usados como uma espécie de manual para transmitir valores socioculturais.

De fato, ainda que não tenham surgido como narrativas infantis, os contos estão quase sempre narrando a transformação de um determinado personagem, que é o herói, a heroína, o protagonista da história – seu processo de amadurecimento. E ele acontece a partir de um caminho, uma jornada, envolvendo dificuldades, ataques, ajudas (muitas vezes mágicas), até que se atinja um famoso “feliz para sempre”. Trata-se de uma finalização simbólica que autores, como o mitólogo Joseph Campbell, estudaram profundamente.

Nas estruturas que se organizam pela narrativa afora – a situação inicial, o conflito, a ajuda mágica e a superação ou resolução até o “felizes para sempre” –, o personagem central é sempre modificado.

Cabe perceber a magia, o mistério e, por que não?, o que há de sagrado na história – e que foi, de certo modo, preservado no decorrer do tempo. Aí residem, fundamentalmente, chaves para possibilidades de crescimento e de entendimento sobre nosso funcionamento como seres humanos.

Por que precisamos de histórias?

Não é possível determinar com precisão o momento em que o ser humano começou a contar histórias, mas as pesquisas atuais apontam para o fato de que, desde os primórdios da vida do *Homo sapiens*, sempre existiu um desejo de criar narrativas que dessem sentido à existência. É justamente a partir do fio do sentido que se desenrolam as muitas narrativas inventadas pelo ser humano.

“A arte existe porque a vida não basta”, escreveu o poeta e artista Ferreira Gullar. O filósofo alemão Friedrich Nietzsche e o poeta português Fernando Pessoa, entre muitos outros, também disseram isso com suas próprias palavras. Na verdade, os primeiros filósofos de que se tem notícia já pensaram a arte como uma forma de alargar e aprofundar os sentidos da própria vida.

Todos esses pensadores se referem à necessidade humana de inventar narrativas para transcender os limites, às vezes tão duros, da realidade cotidiana, abrindo espaço para o sonho e a magia, expandindo os limites desenhados pelas dificuldades da vida.

Essa construção, na prática, toma corpo na chamada Revolução Cognitiva, que acontece durante o período Neolítico, quando nossos antepassados iniciam o processo de comunicação verbal – da emissão de sons verbais e da gestualização para uma fase de aquisição simbólica da fala. Nesse momento, eles já começam a criar histórias.

As narrativas surgem para dar conta de várias necessidades: contar fatos do cotidiano, lidar com questões práticas, como alimentação, descanso, reprodução, proteção

contra ataques de animais selvagens, mas também para criar modos simbólicos de ultrapassar o medo, a dor, as dúvidas e os traumas. Então, junto com a comunicação gerada para dar conta dos assuntos da realidade, surgem as narrativas mágicas, que poderiam suprir dores e perdas (às vezes insuportáveis) e, assim, fazer com que a vida pudesse ter mais sentido.

É então que entra, por exemplo, a ideia de compensação da menina que sofre abusos terríveis de uma madrastra e das meias-irmãs, mas que chama a atenção do belo e poderoso príncipe, que se apaixona por ela, a salva e a torna sua princesa!

Ainda que outros hominídeos tenham convivido com os *Homo sapiens* no mesmo período – o homem de Neanderthal é o mais conhecido entre eles – e que tenham desenvolvido meios de vida prática sofisticados, como pentes de ossos de animais para os cabelos, e até realizado formas de arte e artesanato rupestre, apenas nossos antepassados *sapiens* adquiriram um modo amplo de lidar com o tempo, que vai além do presente, do aqui e agora, e um jeito próprio de pensar na vida para além da vida.

Nas paredes das cavernas, as pessoas pressionavam as mãos e sopravam pó com pigmentos coloridos para deixar suas marcas, já pensando em questões como a efemeridade, o desejo de criar memória e a hereditariedade. Nas junções entre pessoas, em volta de uma roda ou de uma fogueira, surgiam os primeiros contos de magia, nos quais cada um “contava um conto e aumentava um ponto”.

É interessante pensar no fogo como elemento de ignição para a criatividade e para as histórias. De fato,

nesse acontecimento que envolve a fogueira, a contação de histórias e as pessoas em ação está sintetizada a potência da vida, que se atualiza, como se atualizam os contos.

Se a vida era dura – e era –, ao menos nos contos, naquelas histórias inventadas, uma menina maltratada e pobre poderia ser salva por um ajudante mágico, ou crianças perdidas na floresta escura, prestes a serem devoradas por animais selvagens, poderiam encontrar uma casa feita de doces e um tesouro escondido por uma bruxa (que seria delas, no final).

Na verdade, esse enfrentamento simbólico da realidade por meio da invenção de histórias está no cerne de todos os contos de fadas. Ou melhor, de todos os contos de magia, incluindo aqueles da tradição oral. Mas esse processo de transição entre o conto da tradição oral e o conto de fadas literário só começaria no século XVII, como veremos.